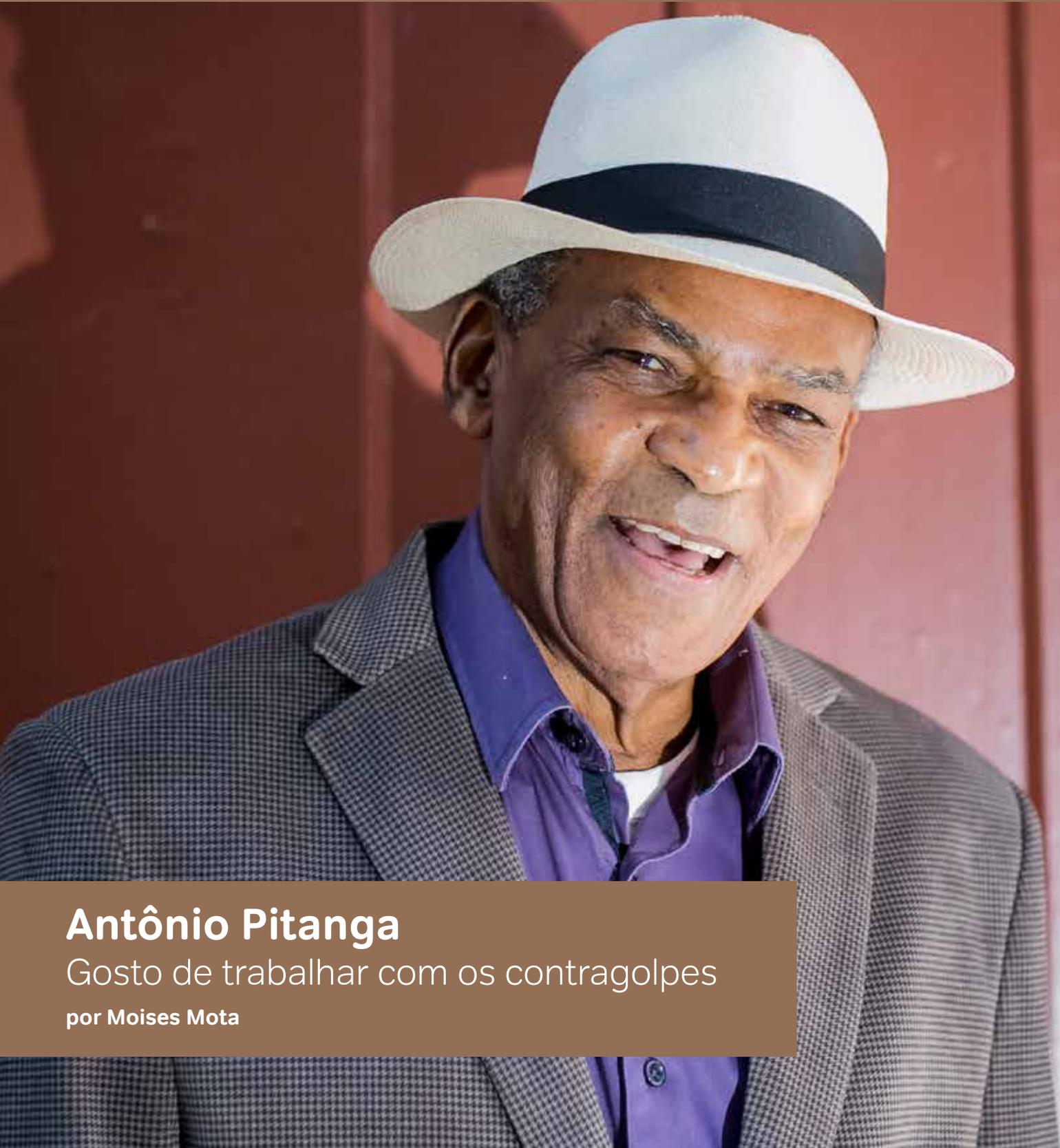


Canjele

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 2 - edição 07 - Setembro de 2017



Antônio Pitanga

Gosto de trabalhar com os contragolpes

por Moises Mota



CHICADA SILVA



Alegria de quem veste!

chicadasilva.com.br

Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

Um jeito colaborativo de viver

Não é novidade que uma das características da Revista Canjerê é pautar temas que, na maioria das vezes, não estão na grande mídia. É um grande projeto de economia colaborativa, feita a muitas mãos. Nós, aqui da Canjerê, estamos exuberantes com o empenho, amor e dedicação dos/as nossos/as colaboradores/as. Por esse motivo, começo este editorial agradecendo a todas/os que seguram essa bandeira da mídia negra com a gente. Temos o privilégio de publicar aqui conhecimentos adquiridos durante anos de vivências, estudos e pesquisas de cada colaborador/a. Tem sido uma experiência aprazível. Gratidão!

Enfim, chegamos à 7ª edição da Revista Canjerê. Por curiosidade, fui pesquisar sobre o significado do número 7 e me surpreendi com a riqueza cultural de significados. No que tange à numerologia, o 7 indica, dentre outras coisas, a busca pela aprendizagem e perfeição. Tem tudo a ver com o nosso momento atual: a cada edição a gente aprende com os erros e acertos e, conseqüentemente, ficamos mais experientes.

E por falar em aprendizagem, a capa da edição 7 é um motivo de honra para nós. O jornalista Moisés Mota foi até Ouro Preto-MG para entrevistar o ator Antônio Pitanga. O artista esteve na cidade mineira para participar do Cineop – Mostra de Cinema de Ouro Preto. A experiência e aprendizados de anos de luta de Pitanga trouxeram um rico legado para as páginas da revista.

A seção Entrevista, produzida por nossa colaboradora, a socióloga Jaycelene Brasil, retrata o amor da educadora social Bel Santos Mayer pela literatura e como ela realiza a transformação social em seu meio.

Enfim, desejo uma boa leitura e desfrute do melhor que preparamos para você nesta edição.

Afroabraços
Sandrinha Flávia



Sandrinha Flávia
Editora

SUMÁRIO

- p6** Entrevista
Bel Santos Mayer - A Educadora Social que descobriu possibilidades de transformar palavras em vida por meio da literatura
- p18** Matéria de capa
Antônio Pitanga - Gosto de trabalhar com os contragolpes
- p26** Ensaio
Luiz Henrique Silva de Oliveira - O negrismo no romance brasileiro: breve caracterização
- p24** África
Matheus Ramos - O impacto da herança africana no design de móveis
- p11** Comportamento
Paraisópolis e o poder transformador da moda
- p10** Canjerê
Entre valorizações, parcerias e colaborações, a cultura negra permanece em evidência
- p14** Gente do Canjerê
Denilson Tourinho - um protagonista de africanidades
- p16** Olhar Social
Lá da Favelinha - Em janeiro, o Centro Cultural completará três anos de (r)existência
- p22** Negócios
Valéria Divina - de um Salão de Beleza a um Consultório de Podologia,
- p29** Cultura - Literartura
Marcial Ávila - Candance
- p31** Cultura - Dança
Dança, poder e Negritude
- p32** Cultura - Música
Alabê do couro, aquele que toca Ingoma, o Tambor
- p30** Cultura - Teatro
Teatro negro - quem conta nossas histórias?



Foto: Joyce Fonseca



Matéria de Capa

Moises Mota

Antônio Pitanga:
Gosto de trabalhar com os contragolpes

Foto da capa **Leo Lara**



Colaboraram nesta edição:

Edson Feitosa, Guilherme Alonso, Jaycelene Maria da Silva Brasil, Joyce Fonseca, Leo Lara, Lucas Bois, Luiz Henrique Silva de Oliveira, Marcos Antonio Cardoso, Matheus Ramos, Pablo Bernardo, Pedro Zorzall, Rafaela Pereira, Rodrigo Zazá Borges e Tatiana Carvalho Costa.

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES

Presidente
Marcial Ávila

Vice-Presidenta
Samira Adriano Reis

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editora
Sandrinha Flávia

Repórteres
Adriana Borges, Janaína Cunha, Moisés Mota,
Roger Deff e Samira Reis

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia
Sol Brito
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial
Naiara Rodrigues

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Serra
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye
Centro Cultural Casa África - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Olusegun Michael Akinrulli
Instituto Yourubá - Brasil - Nigéria

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.

Bel Santos Mayer

A educadora social que descobriu possibilidades de transformar palavras em vida por meio da literatura

Jaycelene Maria da Silva Brasil

Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia pela UFAC. Especialista em Gestão Estratégica de Políticas Públicas pela Unicamp. Militante de Direitos Humanos com o recorte em gênero e raça. Feminista interseccional

A paulistana Bel Santos Mayer foi criada no Parque Santa Madalena, nasceu em 1967, encontra-se no auge de seus meio século de vida bem vividos. Filha de um metalúrgico e de uma empregada doméstica, é casada com o alemão Bernd Mayer há 11 anos e atualmente revela-se uma das grandes referências em Educação Social no Brasil. É formada em matemática, fato esse estranho para muita gente, sendo inclusive até um contrassenso, mas Bel explica que a escolha teve uma relação direta com o próprio sentido da educação porque até hoje se mantém o mito de que enveredar para a área de exatas é coisa pra “gente inteligente”. Iniciou sua militância de alfabetizadora –é assim que se intitula –bem precoce, aos 14 anos, atuando na área de Educação, construindo caminhos inspirados por sonhos numa trajetória na área de Direitos Humanos que revela o potencial que tem a literatura e a relevância da discussão acerca da diversidade na educação infantil considerando os projetos muito bem articulados por ela. Aos 17 anos se formou no ensino médio e no magistério e trabalhou 14 anos na Secretaria Municipal de Educação. Como concursada, conciliou a responsabilidade com os estudos, nesse caso, a graduação em Licenciatura em Ciências Matemáticas. Aos 27 anos, Isabel, assim nascida, ganhou uma bolsa para cursar Metodologias Pedagógicas com especialização em Pedagogia Social na Itália, onde permaneceu por dois anos. Nesse ínterim, se tornou admiradora do pensamento de Paulo Freire (1921- 1997) e defende que os educadores precisam ser profissionais criativos e refinados com suas criações.

Foto: Edson Feitosa



Fale-nos sobre o seu engajamento político e ideológico.

Foi em 1997 que me encontrei com a história de trinta e seis anos do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário, o IBEAC, em um momento em que a ONG buscava alguém que conhecesse a Educação e seus meandros mais profundos para trabalhar no Norte do Brasil, especificamente em Belém do Pará. Durante quatro anos, de 1997 a 2001, a instituição ofereceu formação e apoio para a criação de Centros de Documentação com foco na pauta de Direitos Humanos e foi assim que cheguei no Estado do Acre, especificamente na capital Rio Branco, no Centro de Defesa de Direitos Humanos e Educação Popular, o CDDHEP, que à época desenvolvia ações de formação de Agentes de Direitos Humanos.

Como é mobilizada a sua relação com a biblioteca e com a leitura?

Na década de 90, comecei observar que a biblioteca é algo emblemático e que se torna um lugar de encontro, distante do debate cultural. Trata-se de um lugar que proporciona possibilidades de desenvolver o empoderamento feminino e juvenil, reivindica leitura e o público que faz uso do espaço tem a oportunidade de se tornar sócio do local, podendo ampliar o seu repertório de mundo. Na desenvoltura desses processos de encontros, percebi que

substâncias especiais eram desenvolvidas e senti os jovens leitores com sede de sonhar, sentimento esse que se manifestava nas leituras, fazendo-os devanear e viajar. Comparo a literatura com um porto onde o barquinho da imaginação zarpa para o mundo. Quando começamos a ler personagens que parecem com a gente, acreditamos que a nossa história pode ser contada. É esse encantamento da sopa de palavras que me fez descobrir possibilidades de transformar palavras em vida por meio da literatura.

Assim, tenho me dedicado à criação de Bibliotecas Comunitárias na periferia: Solano Trindade, Livro Para que te Quero e Cemitério da Colônia. Neste caso, sempre que o fato é evidenciado, as pessoas se assustam porque a simbologia de morte se sobrepõe à vida em um lugar inusitado, que foi inaugurada em 2009 no bairro de Parelheiros, localizado na Zona Sul Paulistana. No início, funcionava em um posto de saúde, mas um dentista chegou para ocupar a sala e fomos para a casa do coveiro que estava vazia. E o lugar é muito bem aproveitado, inclusive tem até um Sarau do Terror, que funciona em meio aos túmulos. É em um cemitério de verdade, onde o que poderia ser motivo de constrangimento e medo, sobretudo para a juventude, se transformou em motivo de orgulho.

A sua instituição conta com recursos financeiros para a manutenção?

Por meio do Projeto Sementiras do Direito, no ano de 2015, a Brazil Foundation começou a apoiar o IBEAC. O trabalho se destinou ao enfrentamento da violência e cuidados nas comunidades como cena central de um realidade excludente. Um dos motivos que levou a equipe a investir e apostar nos bairros inapreciáveis pelo poder público foi o entendimento de que quanto mais longe se estar do centro desenvolvimentista da cidade, haverá uma maior carência de livros

e conseqüentemente maiores dificuldades para o acesso à leitura estarão mais presentes. Outra conquista com o apoio da Brazil Foundation, foi a Casa do Brincar, onde adolescentes brincam entre elas e com crianças. É uma experiência que está dando muito certo. Depois disso, também entramos no Outra Parada – iniciativa pioneira no setor social brasileiro, focada no financiamento de iniciativas informais. Apoiamos três organizações a fortalecerem seus projetos. Foram escolhidos o ‘Teatro de Barros’, que leva a poesia de Manoel de Barros e Carolina Maria de Jesus para as ruas; a ‘Brechtoteca’, roda de cuidado e proteção das mulheres dentro das bibliotecas; e o ‘Núcleo de Jovens Políticos’, que se encontram para discutir e pensar política.

Quais analogias que poderá fazer em relação à sua trajetória de vida e o momento político e social em que vivemos no país hoje?

Durante uma entrevista que concedi outro dia, quando fui provocada a fazer um comparativo com a atuação de vários coletivos jovens da atual conjuntura comigo aos 14 anos de idade, pois era forte o meu inconformismo com o estado das coisas, já naquele período, eu não acreditava que a vida fosse um destino dado, e buscava encontrar outros e outras que se indignassem com ela para também metamorfosear o mundo. Fiquei bastante emocionada ao ver o recente movimento ocupações no país, sobretudo

quando jovens se mobilizaram e conseguiram convocar outros grupos para colaborar. Ao mesmo tempo, demonstraram uma consciência política riquíssima ao reverberarem as mazelas do ensino público, concretizando um desejo histórico de que a comunidade possa participar da vida e das decisões da escola.

O que considera o melhor caminho para estimular as crianças ao interesse pela participação social?

Participar significa um direito essencial que deve ser exercitado desde pequeno. É importante estimular, sobretudo os meninos, a contribuírem para a organização da vida doméstica (regando plantas, guardando os brinquedos, por exemplo), isso tudo pode ser um caminho para importar-se mais com o outro quando chegar na fase da adolescência. Dessa maneira, aprenderá desde cedo o sentido da palavra contribuição para o bem-estar, ética e o respeito na família e na escola. Uma criança ganha muito ao ser estimulada a ser protagonista, não somente no ambiente de ensino, mas também em casa, na rua, na sociedade.

Como você trabalha a educação das relações étnico-raciais em sua atuação social?

Desde a década de mil novecentos e noventa, parte da militância do meu trabalho já consistia em pensar formas de abordar a temática das relações raciais, étnicas e de gênero relacionadas

às práticas educacionais, o que implica refletir acerca da Diversidade e dos Direitos Humanos. Desenvolvi um projeto que está na sexta edição, que é o Premio Akoni (palavra de origem Yorubá que se refere à força e à coragem ancestral), com educadores/as para que, através de produções de desenhos, histórias em quadrinhos, slogans, fotografias e vídeos, as crianças pudessem falar sem medo por meios desses recursos didáticos sobre as experiências de humilhação e preconceitos que possam ter.

Assim lemos uma bela história de engajamento pedagógico, político e social, por meio da literatura. É gratificante saber da criação de espaços de inclusão social em áreas que são historicamente relegadas de assistência pelo poder público.



Foto: Edson Feitosa



Foto: Edson Feitosa

Paraisópolis e o poder transformador da moda

Naiara Rodrigues

Jornalista graduada em comunicação social - Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolve trabalhos de assessoria de imprensa. Co-autora do livro Diário de Bloco, sobre o carnaval de rua em Belo Horizonte

Projeto Periferia Inventando Moda incentiva empreendedorismo jovem nas periferias de São Paulo e oferece formação para o mercado fashion.

Fundado em abril de 2014 pelo estilista Alex Santos e pelo psicólogo e produtor cultural Nil Mariano, o Periferia Inventando Moda (PIM) é um movimento fashion alternativo, sediado na comunidade de Paraisópolis, na cidade de São Paulo. O projeto acredita no poder transformador da moda e articula diversos agentes ligados à produção de moda e beleza na periferia. Para isso, oferece formação por meio de workshops e oficinas gratuitos que promovem inclusão social e se apresentam como vitrine reveladora de talentos da periferia para o mundo da moda. Entre os cursos oferecidos estão de modelos de passarela e comercial, fotografia e comunicação ministrados por profissionais das áreas e voluntários.

A ideia do projeto surgiu em 2014 quando Alex Santos, morador de

Ensaio da coleção
Manhã Parisiense

Paraisópolis há 10 anos, assistiu ao desfile do estilista mineiro João Pimenta no CEU Meninos, zona sul de São Paulo, realizado pelo projeto Moda no Ceu - uma parceria com a Prefeitura de São Paulo e o São Paulo Fashion Week. “O evento levou um desfile de grade porte a pessoas que não tinham acesso a moda, porém eu não me senti representado ali. Muitas pessoas da periferia não se enxergaram nos modelos e nas roupas” afirma o estilista e idealizador do projeto Alex Santos, que viu no projeto a possibilidade de resgatar a auto estima, promovendo um empoderamento por meio da moda.

Um dos grandes destaques do PIM são os eventos de moda realizados semestralmente que apresentam ao público e à imprensa uma mostra da moda alternativa e periférica. Eles abrem espaço para que os profissionais capacitados pelas oficinas do projeto possam colocar em prática o que aprenderam, além de dar reconhecimento para novos designers. “Atualmente o projeto contam com 12 marcas associadas, cada uma com sua linguagem e olhar sobre a periferia. Umas mais streets, outras com uma pegada mais afro, porém cada uma com sua história. A gente está resgatando uma identidade periférica que a sociedade achava que não existia” destaca Alex.

Para a sétima edição do evento, a ser realizada em novembro, eles deverão agregar novas marcas

para dar visibilidade também a novos produtores. Recentemente o projeto ganhou o patrocínio da marca de cosméticos Vult, e agora vai contar com um espaço físico em Paraisópolis para realização dos cursos, e com um workshop de maquiagem para os moradores de Paraisópolis e de outras comunidades carentes que tenham interesse em se profissionalizar na área. “Uma das ideias para o espaço é montar um atelier de moda para que qualquer estilista de periferia possa utilizá-lo para a montagem de coleções, com o auxílio de uma costureira profissional. Também gostaríamos de implementar um curso de corte e costura para trazer este conhecimento, mas para isso precisamos fechar novas parcerias para que isso seja possível” ressalta Alex.

Ao longo dos três anos de existência, o projeto atendeu mais de 170 pessoas, e muitas delas já se encontram inseridas no mercado. “É muito gratificante ver que o trabalho está dando certo e que muitas pessoas que pegam o conhecimento e a prática que oferecemos e abraça o trabalho como uma profissão, para além de um hobby” destaca o idealizador que também ministra o workshop de modelos com treinamento em passarela, contando que alguns de seus alunos já fazem participações em comerciais e em eventos reconhecidos como a Casa de Criadores, uns dos maiores eventos lançadores de novos estilistas brasileiros.



Foto: Guilherme Alonso



Foto: Guilherme Alonso

CANJERÊ

Literatura, Dança, Pintura, Música – Arte e Cultura Negra em Foco

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

Crianças e adolescentes negr@s são destaque na arte e cultura da cidade

Em mais uma edição do projeto Resenhas Pretas no Museu, o Casarão das Artes teve a felicidade de apresentar para a cidade a potência musical das meninas-artistas Sarah e Zahi, com a participação poética de Raisla e João. O evento “Eu, Criança, no Museu” aconteceu no dia 07 de maio no Memorial Minas Gerais Vale. Foi uma honra, e uma alegria, podermos contar com essas crianças e adolescentes no processo de promoção da arte e da cultura negra na cidade. Várias das canções, histórias e poemas apresentados pelos jovens e talentosos artistas são de sua própria autoria.



Revista Canjerê 6ª edição

No dia 26 de maio, lançamos a 6ª edição da Revista Canjerê, no Centro de Referência da Juventude. O lançamento foi construído justamente naquela data para que pudéssemos celebrar a Mãe África, pois o dia 25 de maio é o Dia da África. Para fazer a festa de lançamento, a parceria da vez foi com o Dj Eddy Alves, que realiza mensalmente uma Jam Session de alto nível. Somaram-se a ele, @s DJs Alvim e Leo Olivera. Agradecemos às dezenas de pessoas que lá estiveram conosco.

Independência de Moçambique

Pelo quarto ano consecutivo, fizemos uma homenagem ao país irmão – Moçambique, em alusão à data em que aquela bela nação do índico comemora a sua “independência” (25 de junho).

Em mais uma agenda em parceria com o Museu das Minas e do Metal, no dia seis de julho, a madrinha do Casarão, a poeta e arte-educadora, Madu Costa, coordenou uma roda de conversa com o público – Canjerê Independência de Moçambique. Foi um momento muito rico em que os participantes puderam ouvir instigantes histórias sobre o país e a sua gente. Também compuseram a Roda de Conversa, os estudantes moçambicanos que vivem em Belo Horizonte: Luciano Bernardo José e Luis Comissário.



II Mostra Conceição Evaristo

A II Mostra Conceição Evaristo, realizada pelo Casarão, em referência ao Dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, foi realizada dos dias 19 a 23 de julho. A proposta é destacar o protagonismo da mulher negra no Brasil, por meio da produção literária da escritora. As agendas ficaram por conta da própria escritora, Conceição Evaristo, juntamente com o Grupo de Teatro Olho da Rua, que apresentaram dois saraus no Sesc Palladium: Sarau Olhos D’água e o Sarau Carolina, uma saudação à escritora Carolina Maria de Jesus.

Durante a II Mostra, no Memorial Minas Gerais Vale, as professoras Constância Lima Duarte e Nazareth Soares Fonseca fizeram uma exposição sobre a obra de Conceição Evaristo que contou com a participação dela, costurando as falas das pesquisadoras.

Outro espaço em que ocorreu a Mostra foi o Centro de Referência da Juventude. Lá foi feita a Roda de Conversa: Letras e bordados na obra Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, com a artista visual Janaina Barros e a pesquisadora Rosália Diogo. Naquela ocasião, foi exposta a obra da artista intitulada “Sobre grão de areia e matéria argamassa.

Passado-presente-e-o-que-há-de-vir. (Ou a herança de Ponciá)”.

Samba de Terreiro

Convidados pelo SEBRAE Minas para apresentar um pouco da arte e da cultura negra durante a Feira do Empreendedor, que ocorreu na sede da instituição, entre os dias dois e cinco de agosto, o Casarão convidou o grupo Samba de Terreiro para se apresentar no dia quatro. A oportunidade foi ímpar para que fosse mostrado aos participantes a riqueza do samba e de uma das vertentes das manifestações culturais negras, o samba.

Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha

O Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha foi criado em 25 de julho de 1992 durante o I Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-caribenhas, em Santo Domingos, República Dominicana. Estipulou-se que tal dia seria o marco internacional da luta e da resistência da mulher negra. Desde então, a sociedade civil e o governo têm atuado para consolidar e dar visibilidade a essa data, tendo em conta a condição de opressão de gênero e racial/étnica em que vivem essas mulheres, explícita em muitas situações cotidianas.

O objetivo da comemoração de 25 de julho é ampliar e fortalecer às organizações de mulheres negras do estado, construir estratégias para a inserção de temáticas voltadas para o enfrentamento ao racismo, sexismo, discriminação, preconceito e demais desigualdades raciais e sociais. É um dia para ampliar parcerias, dar visibilidade à luta, às ações, à promoção, à valorização e ao debate sobre a identidade da mulher negra brasileira.



Um protagonismo de africanidades

Rafaela Pereira

Graduada em Língua Portuguesa pela UFMG, pesquisadora de Literatura Infantojuvenil e Representações Afro-brasileiras.

Eis que apareceu naquela escola um professor usando trança nagô, barrete com as cores do reggae, um estilo ressaltando muito bem a sua negritude. Para os alunos, não deixava de ser novidade um professor com aquele perfil, pois até o momento não havia aparecido um como ele. Não demorou muito para conquistar a simpatia dos alunos que, através dele, começaram a ter acesso ao que tangia à cultura afro-brasileira.

Logo, percebeu-se que aquele professor não transitava somente no território educacional. Foi quando começamos a ver seu rosto estampado em propagandas comerciais, educacionais, políticas e em cartazes de peças de teatro. Realmente, o espaço escolar não estava dando conta de abraçar as ações de Denilson Tourinho. Ator, mestre em Africani-

dades pela Universidade de Brasília, dançarino, produtor cultural e professor, Denilson exerceu (e exerce) importantes papéis nas artes cênicas, integrando, concomitantemente, diversos projetos pelos quais recebeu vários prêmios, entre eles, o “Troféu Mês da Consciência Negra”.

Atualmente vem se destacando devido à sua belíssima atuação na peça Madame Satã, dirigido por João das Neves, em que interpreta com louvor o personagem João Francisco dos Santos, transformista e figura emblemática do cenário carioca no início do século XX. Além de integrar essa obra, Denilson faz parte do elenco de Galanga, Chico Rei e Kádárê destaca-se também como um importante nome nas artes cênicas e colaborador, com excelência, do protagonismo cultural afro-mineiro.



Lá da Favelinha

Em janeiro, o Centro Cultural Lá da Favelinha completará três anos de (r)existência

Naiara Rodrigues

Jornalista graduada em comunicação social - Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolve trabalhos de assessoria de imprensa. Co-autora do livro Diário de Bloco, sobre o carnaval de rua em Belo Horizonte

Foto: Pablo Bernardo



Aos 21 anos, Kdu dos Anjos, morador do Aglomerado da Serra, já era oficineiro no Projeto Fica Vivo, e trabalhava como marionetista do Grupo Giramundo. Em 2014, lançou seu primeiro disco, mas sentia um desgosto com a vida. “Achava bonito o caminho que eu estava fazendo, mas, ao mesmo tempo, estava infeliz. Eu viajava o país com o teatro, cantava a comunidade, mas o que eu estava fazendo por ela?”, questiona.

Resolveu montar uma biblioteca no lugar em que o pai queria montar um bar em setembro de 2014. O lançamento de uma música do Mano Beto, em janeiro de 2015, foi um marco para a transformação do local no Centro Cultural Lá da Favelinha. O rapper, que também era morador da Serra, faleceu meses depois em seu primeiro show interestadual. O seu sonho de manter vivo o centro para a formação cultural das crianças deu forças para que o espaço se fortalecesse.

Hoje, o Centro Cultural atende em média a 160 pessoas por semana. Oferece aulas gratuitas, biblioteca e um espaço de convivência na Vila Novo São Lucas, no Aglomerado da Serra. Inicialmente, funcionava com oficinas de capoeira e dança, mas não demorou em ampliar suas atividades para aulas de inglês e espanhol, teatro, canto, corpo e movimento, comunicação, troca de saberes (realizada em parceria com CEFET-MG), corpo humano, rap, violão, danças, hip hop, ballet, artesanato e estêncil. Neste mês, o local começa a ganhar nova cara com o Levante

Favelinha, feito a partir da união de construtoras, arquitetos e engenheiros que pretendem oferecer uma reforma para melhorar a estrutura do centro cultural.

Centro cultural também realiza uma série de eventos como o Rap da Favelinha, Arraiá da Favelinha, Fica Rica Favelinha (empreendedorismo), Favelinha Fashion Week, Sarau da Favelinha e o mais famoso de todos, a Disputa Nervosa, que promo-

na para investir em novas iniciativas”, destaca Kdu dos anjos.

O espaço também tem ecoado a voz da comunidade na luta contra a repressão e violência nas periferias. Após reivindicação de moradores da comunidade para a investigação do assassinato de um jovem de 14 anos após uma batida policial na comunidade, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal criou o Observatório de Violência aos Bailes

Foto: Pablo Bernardo



ve uma batalha de passinhos de funk. A disputa realiza mensalmente um encontro no teatro Espança!, mas frequentemente participa de eventos externos e auxilia na visibilidade do centro que hoje tem como sua principal fonte de renda o financiamento coletivo. “Financiamento coletivo funciona como uma espécie de assinatura em que as pessoas podem doar a partir de 10 reais por mês. Isso me dá a possibilidade de sonhar, porque se eu fosse pagar aluguel com grana de evento, das roupas que vendemos, eu nunca teria gra-

Funk, que visa fomentar o debate da criminalização do funk. “Esse menino podia ser astronauta, presidente, e hoje ele é só uma estatística. É muito pesado isso. Então dos males que vem para o bem, eu decidi me posicionar mais. E a comunidade, de uns tempos para cá, me vê como um defensor mesmo da causa das culturas de periferia, e a gente tem procurado ao máximo dar assistência para a família desse rapaz, e pegar a autorização deles para processo judicial”, conclui Kdu.

Antônio Pitanga: gosto de trabalhar com os contragolpes

Moises Mota

Repórter especial para a Revista Canjerê

Há quem diga que ser ator é algo similar a um sacerdócio. Há outros que pensam ser o ator um Deus. Tem outros que pensam ser a melhor profissão do mundo. Mas quem, na verdade, se atenta para o verdadeiro valor artístico do ator? O artista Antônio Pitanga narrou suas memórias em seu documentário e mostrou ao público a atualidade de sua biografia e luta política, mesmo com suas histórias narradas a partir da década de 50.

Antônio Pitanga esteve em Ouro Preto – na terra de Chico Rei – para apresentar o documentário “Pitanga”, lançado em 2016, dirigido por sua filha Camila e Beto Brant. Durante o encontro, o ator predileto de Glauber Rocha no Cinema Novo falou sobre o movimento negro, as artes, o mercado audiovisual e um dilema muito presente: ser ou não ser uma referência para os mais jovens atores negros no que tange à negritude em cena. Aproveitou a oportunidade para clamar a todos por uma unidade na luta e no pensar o negro na sociedade, unir as forças para formar uma luta diária, contínua, que é fundamental para se alcançar a necessária igualdade entre as raças.

Durante o encontro, Pitanga trilhou muitos caminhos e abriu muitas portas. Incomodou. Fez propostas e ministrou roteiros. Tudo em um pequeno espaço temporal, mas infinitamente grande em carga emotiva. Questões brotaram desenfadadamente após o encontro e uma delas serve como chave para essa discussão: quem o ator pensar ser e quem é para aqueles que o olham e o observam em cena? Em seu trajeto biográfico, marcas ficaram em si e nos outros, aqueles que transitaram entre mundos. Toda essa trilha vai além quando se trata de um ser militante em relação ao seu pertencimento racial que motiva a busca incessante e incansável pelo empoderamento, luta de classes e combate ao racismo.

Pitanga é aquele que luta quando levanta e, mesmo deitado em sono profundo ou efêmero, expõe para outros a sua luta, a sua busca e a sua história. O soteropolitano, pai de Camila e Rocco, tem dessas coisas e é uma viagem à nossa história-recente, ao longe-perto e um puxão de orelha naqueles que não sabem ainda como fazer ou como começar a sua luta, já que viver é necessário e lutar mais ainda.



Foto: Leo Lara

A entrevista iniciou-se com o ator lembrando uma frase de sua autoria em que ele disse ser: “uma fruta que dá em tudo que é canto; às vezes é azeda, às vezes é doce, mas sempre boa de chupar”. Indagado sobre essa frase e, após um largo sorriso, esclareceu que não pretende agradar a todos, pois tem suas posições políticas, raciais, culturais e de vida muito peculiar. Por isso ainda crava a seguinte sentença. “Não estou aqui para agradar e fazer concessões que não estejam de acordo com meus posicionamentos”, e acrescenta: “Não estou aqui para bater palma para o maluco dançar. Aí eu sou azedo, sou bom de briga. Quando não se rompe com os princípios de hombridade, honestidade: sou doce”. A vida o ensinou a ser capoeirista mental, a entender que não é dono da verdade nem senhor dos golpes. “Gosto de trabalhar com os contragolpes”, explica. E ser bom de briga é ação fundamental para estar em sociedade, para estar em luta. Esses dilemas são muito presentes em sua história, uma vez que frisa sempre ser “um negro em movimento”.

Sobre referenciais em sua vida, o ator aponta muitas pessoas como Luiz Gama, Milton Santos, Lima Barreto, Luiza Mahin (sua mãe), Maria da Natividade, Juliano Moreira, Machado de Assis, Nina Rodrigues, Eduardo Ribeiro, Castro Alves, Glauber Rocha, Abdias Nascimento, Léa Garcia, Ruth de Souza e o Teatro Experimental do Negro. “São re-

ferências para se seguir ou não; eu prefiro seguir”, destaca. Ele se angustia em relação ao fato de muitas dessas pessoas terem caído no esquecimento, pois, em sua ótica, isso prejudica o estudo sobre a identidade negra nos dias de hoje, bem como a formação da raça negra, do cidadão brasileiro. “Estou falando de uma coisa real; quando eu falo de Lima Barreto, estou falando de literatura”, acentua. As referências são presentes na vida de Pitanga, que chama todos à importância de se conhecer e seguir essas grandes figuras da cultura negra nacional.

Sobre o documentário que leva seu nome, informa que é a mostra de um Pitanga que estava guardado a sete chaves em um baú e que é revelado como um cidadão contando a história própria, a de seu povo, a de uma raça e a de um país. “Se referência é isso, eu sou referência”, sentencia. Aceitar seu papel de referência talvez não seja algo muito fácil, pois junto com esse cargo vêm inúmeras necessidades que estão intrinsecamente ligadas. A responsabilidade que acompanha o “ser referência” é fardo pesado. Eu sigo porque é bom. Sendo bom, eu usufruo e posso compartilhar. Uma vez reconhecido como tal, é fato incontestável sua importância para uma multidão, incontável. E é incontável essa reverberação do ser em cena, do mise-en-scène na vida real”, explica.

O pensamento do ator é fiel às suas convicções e se embrenha pela ideia de que a história

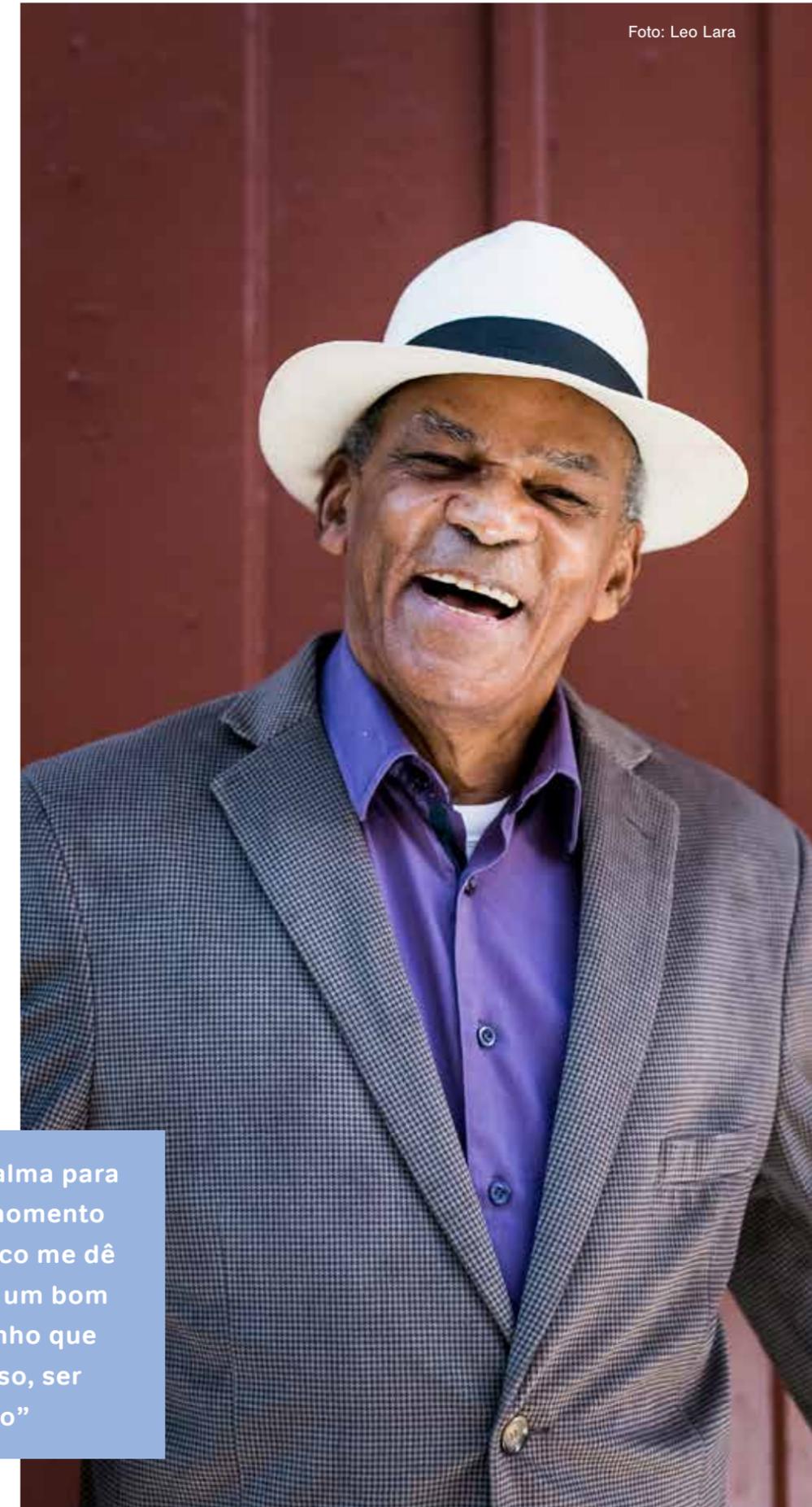
do negro no Brasil ainda não foi devidamente contada, fato que considera ruim porque a participação negra no país é muito forte. Cita como exemplo o caso de Ouro Preto, cidade onde foi entrevistado, e comenta: “Ouro Preto, como as Minas Gerais, têm muito a contar. A participação negra nestas Minas Gerais foi bastante forte. É preciso que a negritude mineira, principalmente a de Ouro Preto, escancare os portões, essas cortinas, e conte a sua história. Eu posso falar da história baiana porque eu a acompanhei bem, nasci na Bahia. Nós temos muito a contribuir com a história nacional. Principalmente a que está fora desse eixo Rio-São Paulo, como Ouro Preto, Sabará, Tiradentes”, fala e em seguida acrescenta que em Florianópolis existe o marketing branco, mas a população daquela cidade soma mais de 45% da raça negra.

A respeito do mercado audiovisual em relação aos atores negros é enfático: “O mercado somos nós. Eu sou uma pessoa que sempre entendi que não preciso do branco. Dependo de mim, da minha capacidade. No momento em que eu espero que o branco me dê emprego e que diga que sou um bom ator, eu estou errado. Eu tenho que acreditar e estudar para isso, ser reconhecido pelo negro”. Se mostra satisfeito com o trabalho da repórter negra, Maria Júlia Coutinho, na Globo e, também, com o de Lázaro Ramos, que são ícones do reconhecimento do talento e da força da

figura negra no cenário midiático. “Mas não estão lá como indivíduos, e sim como família, como um coletivo, uma representação de nossa raça”, assegura.

Sua visão leva a crer na necessidade de mais ações que tragam visibilidade aos profissionais da raça negra e que essas ações passem especialmente pelos negros. Trata-se de um complexo dinamismo a ser conquistado com raça e consciência de classe. “Nossa liberdade ainda não foi inteiramente conquistada, então por que pensar que foi dada? Está livre! Livre como? Com uma mão atrás e outra na frente? Então a gente ainda tem essa paga de séculos. Eu, melhor do que ninguém, sei. Tive uma criação muito pobre, mas essa consciência nós tivemos. O que me cabe neste latifúndio? Você quer ficar ali mesmo? Empregado serviçal? Não, não quero. Basta minha mãe que ocupou essas funções para me criar”, finaliza, deixando evidente que todo instante é momento para ações em prol da conquista do devido espaço do povo negro, no Brasil e no mundo.

“Não estou aqui para bater palma para o maluco dançar.” [...] “No momento em que eu espero que o branco me dê emprego e que diga que sou um bom ator, eu estou errado. Eu tenho que acreditar e estudar para isso, ser reconhecido pelo negro”



De um Salão de Beleza a um Consultório de Podologia

Empreender depende de coragem, determinação e muita força de vontade

Sandrinha Flávia

Graduada em jornalismo, locutora, apresentadora, mestra de cerimônia, editora e assessora de comunicação

Valéria Divina é, desde pequena, apaixonada por esmaltes, unhas bem feitas e tudo que remete ao trabalho de manicure e pedicure. O que fez a empresária ir além foram as queixas frequentes de suas clientes com problemas de rachaduras, micoses, unhas encravadas e tantas outras patologias. Nesses relatos, Valéria viu uma oportunidade de negócio e resolveu investir em um curso de podologia. Hoje, com a sua empresa a todo vapor, a Divino Pé, em Belo Horizonte, a empresária lembra que nada foi fácil, mas que valeu a pena.

Em 2007, Valéria era casada, mãe de um filho e trabalhava como manicure para ajudar nas despesas da casa. O capricho sempre foi uma de suas virtudes, fato que trouxe centenas de clientes. Quando se formou em podologia, veio a gravidez do seu segundo filho e a criança nasceu com paralisia cerebral o que exigiu dedicação total. “Decidi parar com tudo e me dedicar àquela

criança que precisava inteiramente de mim”, disse.

Quando tudo estava caminhando na medida do possível, veio o divórcio. “Apesar da separação, continuamos unidos na criação dos nossos filhos, mas agora eu sabia que precisaria me dedicar em dobro, afinal eu tinha dois filhos e um era especial, decidi então lutar por eles, por mim e para melhorar nossa qualidade de vida”, relembra.

Depois de um tempo, veio a terceira gravidez e a força para seguir em frente, sem ter que parar no meio do caminho, veio dos seus pais. “Com a ajuda dos meus pais, voltei a exercer a profissão que tanto amo e entrei na faculdade de administração de empresas”, diz. Com os conhecimentos em administração, Valéria decidiu montar um consultório de podologia.

A vida de Valéria se tornou uma correria diária e ela sabia que aquele momento seria necessário para firmar a empresa

no mercado. “De manhã, eu estava na reabilitação com meu filho especial; à tarde o deixava na inclusão escolar, corria para o consultório e me dedicava aos meus pacientes; à noite eu ia para a faculdade”, ressaltou.

Quando tudo estava indo bem, a rotina organizada, veio a triste notícia: Valéria perdeu o seu filho especial. “Meu filho especial faleceu com cinco anos, mas foram os anos que eu mais aprendi na vida. Ele foi o grande herói da minha história, me ensinou a não esmorecer diante as dificuldades”, disse.

Hoje, a empresária se considera uma vitoriosa. O negócio cresce a cada dia. “Contratei uma recepcionista para agilizar o atendimento e, como não exerço mais a profissão, contratei uma manicure e pedicure. O próximo passo será ampliar a empresa para atender mais pessoas e abrir vaga para mais oportunidades”, finalizou.

Conheça mais sobre a podologia

Seja para andar, correr, exercitar-se ou apenas ficar em pé, ter pés confortáveis e bem cuidados (ao invés de doloridos) torna a experiência muito mais prazerosa. Por esse motivo, estar com os pés bem cuidados é importantíssimo. Os podólogos são profissionais da área da saúde responsáveis pelo diagnóstico e tratamento de alterações específicas dos pés, incluindo os problemas associados a outras alterações sistêmicas, tais como a diabetes ou a artrite.

Os problemas mais comuns que Valéria atende em seu consultório são micoses de unha, frieiras, micose plantar, calos, calosidades, rachaduras e unhas encravadas. É preciso ter atenção especial com alguns pés como, por exemplo, o pé do diabético. As alterações do aporte sanguíneo e as alterações degenerativas dos pés e das pernas diminuem a habilidade do organismo de lutar contra as infecções, fator que contribui para a diminuição da capacidade de cicatrização de feridas e que pode levar a amputações.



Foto: Sandrinha Flávia

O impacto da herança africana no design de móveis

Matheus Ramos

Bacharel em Design pela Universidade Federal de Minas Gerais. Estuda o artesanato autóctone brasileiro, design de móveis, cultura popular brasileira.

Ao estudarmos a história da África, percebemos que a produção de informações a respeito de suas diversas sociedades subsaarianas é algo recente em termos historiográficos com início do seu apogeu a partir da Segunda Guerra Mundial, e ao olharmos a formação da sociedade brasileira notamos que esta foi intrinsecamente modelada sobre a influência desses povos africanos de modo que quatro séculos de escravidão conectaram profundamente a África Atlântica ao Brasil. Cada vez mais tornam-se aparentes os elementos culturais da herança africana na sociedade brasileira à medida que os estudos avançam, pois observa-se que os africanos, além de suas festividades, linguagens, religiões, pratos culinários, técnicas tradicionais de construção, vestimentas, músicas, jogos, também trouxeram suas estruturas familiares e de poder e as reproduziam dadas as circunstâncias. E da mesma forma que a África impactou o Brasil, nós impactamos a África levando nosso estilo de vida para lá que guarda sua herança brasileira nas cidades de Lagos, Porto Novo, Aguié e Anexô. Hoje podemos desfrutar desses ricos estudos que desvendam as

heranças culturais entre Brasil e África apropriando-se dos seus elementos e produzindo novas linguagens que reconectam estas sociedades separadas pelo oceano Atlântico.

África e design - Alaká ou Pano da Costa é um tecido oriundo da tecelagem manual africana que chegou ao Brasil a partir de meados do século XVI durante a colonização da América, e que possui sua importância e utilização até os dias de hoje principalmente na cultura afro-brasileira¹. De acordo com o historiador Luis Henrique Dias Tavares, o Pano da Costa foi intensamente consumido no Brasil no século XVIII e início do século XIX por via da comercialização de artigos ingleses e franceses na costa ocidental africana. No Brasil, havia um forte comércio localizado na Bahia. Depois do século XIX, a indumentária popularmente usada na Costa do Marfim, Gana, Nigéria, Congo, Benin e Senegal tornou-se costume das crioulas que habitavam Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Minas Gerais². Atualmente o Alaká possui grande importância dentro do universo das religiões de matriz africana e compõe comumente o vestuário das mães de santos.

Existe um terreiro de Candom-

blé em Salvador de nação loru-bá chamado Ilê Axé Opô Afonjá no qual é mantida a associação de artesãs Casa do Alaká que preservou a produção artesanal autóctone do Pano da Costa, e através da artesã Iraildes o tecido foi confeccionado especialmente para a fábrica América Móveis, compondo a poltrona Alaká, agregando assim valor histórico-cultural para o design brasileiro. Mas isso só foi possível graças a um africano, o mestre Griot, senegalês Doudou que foi o interlocutor entre o designer e a artesã. O interessante neste ocorrido foi o fato de um africano estabelecer a conexão entre dois brasileiros para que um comércio bem sucedido fosse concretizado.

A forma da poltrona nasce da relação entre o religioso e o tecido. O processo possui semelhança com o que o artista e pesquisador Abdias Nascimento fez ao criar o logotipo, em 1983, da revista Afrodíaspóra ao trabalhar com simbologias religiosas de matriz africana como está descrito no Relatório do 3º Congresso de Cultura Negra das Américas³. No caso da poltrona, contou com as simbologias sacro religiosas Exu e Xangô. Exu por causa de sua rica simbologia gráfica que

sugere um leque amplo de formas e linhas retas que se cruzam principalmente de modo inclinado em um eixo vertical central, e Xangô por ser o Orixá, regente do terreiro centenário Ilê Axé Opô Afonjá que mantém a tradição do fazer manual do Alaká e as características africanas. Destes dois elementos principais foram escolhidos alguns específicos como as linhas retas inclinadas das simbologias de Exú que se cruzam e o machado de duas faces da simbologia de Xangô que foram transportados para o desenho. As linhas inclinadas assumiram as pernas da poltrona e o machado de duas faces assumiu o conjunto assento e encosto do móvel, já o pano Alaká, sendo acessório do vestuário afro-brasileiro, assume seu próprio papel de indumentária transportado da vestimenta feminina para compor a vestimenta do encosto da

poltrona. Finalmente, os braços de aço destacam-se na poltrona como o material metálico do projeto, escolhido em virtude da cultura milenar africana da arte metalúrgica tendo como exemplo inspirador as esculturas de bronze da cidade de Ifé localizadas hoje na Nigéria que remontam há mais de 500 anos a.C.

O resultado final é uma poltrona contemporânea ou “Novo Design”, expressão usada por autores como Andrea Branzi e Beat Schneider, que carrega aspectos estéticos e simbólicos multiculturais, aproximando o design da arte e do artesanato. Carregada de significados afro-brasileiros, a poltrona Alaká é capaz de transmiti-los não somente pelas suas formas, materiais e texturas, mas também pelo seu nome e conceito que são sua identidade. O pesquisador Donald Norman chamou isso de design reflexivo no qual a

mensagem que um produto transmite possui grande relevância e, dependendo do caso, até mais relevância que o próprio objeto. E nesse móvel, o objetivo é valorizar e divulgar parte da herança africana no Brasil.

NOTA:

A poltrona Alaká compõe a linha de poltronas Brasilidades que representa as três principais matrizes socioculturais que formaram o povo brasileiro, sendo que a Alaká representa a matriz afro-brasileira. Foi lançada em fevereiro de 2017 pela América Móveis e no mesmo mês venceu o concurso Arts Thread Brasil – Milan 2017.

Pode-se encontrar mais informações sobre o trabalho de Matheus Ramos no site www.designbrazil.net.



Foto: arquivo do autor

O negrismo no romance brasileiro: breve caracterização

Luiz Henrique Silva de Oliveira

Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. Professor da Graduação em Letras (Tecnologias de Edição) do CEFET-MG. Autor dos livros *Negrismo e Poéticas Negras*.

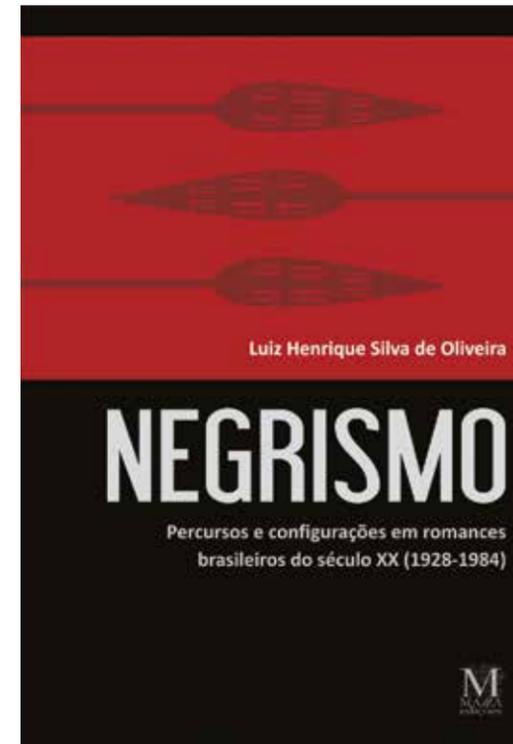
Não é exagerado afirmar que, desde o início da formação de nossa literatura até o terceiro quartel do século XX, os autores brancos cumpriram a função de escrever, “de fora para dentro”, os afrodescendentes, em suas mais variadas formas, até a consolidação de um sistema literário que os representasse “de dentro para fora”. Não quero com isso dizer que não houve, em nossa história literária, obras literárias escritas por negros brasileiros. Volumoso conjunto de pesquisas já se debruça sobre a vastidão e a diversidade de produções desse coletivo, desde Domingos Caldas Barbosa, passando por Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto, Lino Guedes, Solano Trindade, todos que chamo de “geração Cadernos Negros”, contemporâneos e premiados, como Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo, e muitos outros. A lista seria imensa.

É razoável indagar por quê, mesmo havendo substancial produção literária negra brasileira, esta não conseguiu se estabelecer no âmbito da chamada “literatura nacional”. Nas palavras de Cuti, para que seja lido e sua obra circule e esteja acessível a seu público leitor, o autor negro deve atravessar o primeiro “filtro”, aquele do mercado editorial:

as editoras, por exemplo, têm o que chamam de ‘linha editorial’, demarcadora dos parâmetros de suas exigências para os que nela procuram a publicação de seus escritos. Essa ‘linha’ norteia a(s) mensagem(ns) a ser(em) veiculada(s) de forma impressa e em determinados formatos. Assim como existe a tal ‘linha’ orientando o crivo (a escolha) entre os títulos a serem publicados ou não, também, posteriormente, haverá a seleção do que, estando disponível no mercado, deve receber o aval da publicidade ou da cumplicidade dos meios de comunicação e do Estado para redundar em leitura. (CUTI, 2010. p. 48-49)

A meu ver, a linha editorial a que se refere Cuti é uma das principais – se não a principal – razão do alijamento do negro do campo literário nacional. Sem espaço de publicação e legitimação, restam-lhe dois caminhos: a auto-publicação ou a constituição de coletivos e agrupamentos, aos quais chamo de “quilombos editoriais”.

Apesar de a afirmação de Cuti se referir aos processos de produção e circulação literária do século XIX, o mercado editorial não sofreu mudanças profundas no que se refere à aceitabilidade de um discurso que afronte a ordem discursiva enraizada no país. Trabalhos como os de Regina Dalcastagnè (2012) apontam que a veiculação de um discurso afro-centrado dificilmente passará pelo filtro ideológico do mercado editorial brasileiro, o que praticamente obriga os autores negros a se organizarem em coletivos editoriais que fomentem seus ideais. Sendo este um fenômeno ainda imperante até as décadas finais do século XX,



tornou-se possível a emergência do negrismo como tendência nas letras nacionais.

O negrismo não é um movimento literário articulado através de manifestos ou documentos. Trata-se de um conjunto de procedimentos adotados por diversos artistas em suas respectivas linguagens, como a literatura. Enquanto fenômeno, compõe-se por uma linhagem de autores, segmentada, por sua vez, em tendências específicas. Inicia-se no princípio do século XX, na Europa, no momento em que os artistas de vanguarda procuram em África motivos para a renovação estética que acontecia naquele momento. A recuperação de signos no continente-mãe ocorre em outros territórios, como no Caribe, na América Latina e no Brasil. Por aqui, encontrou lugar na poesia e na prosa modernista.

O que chamo de negrismo no universo do romance brasileiro, segundo resultados de meu levantamento, estende-se de 1928, com *Macunaima*, de Mário de Andrade, até 1999, com *O trono da rainha Jinga*, de Alberto Mussa. Destaco ainda: *O mameleuco Boaventura* (1929), de Eduardo Frieiro; *Jubiabá* (1935), *O compadre Ogum* (1964) e *Tenda dos milagres* (1969), de Jorge Amado; *A marcha* (1941), de Afonso Schmidt; *Xica da Silva* (1976), *Ganga Zumba* (1962) e *Benedita Torreão da Sangria Desatada* (1983), de João Felício dos Santos; *Chica que manda* (1966), *Gongo sôco* (1966) e *Suor e sangue* (1948), de Agripa Vasconcelos; *O forte* (1965), *Luanda beira Bahia* (1971), de Adonias Filho; *A casa da água* (1969), *O rei de Keto* (1980) e *Sangue na floresta* (1981), de Antonio Olinto; *Os tambores de São Luís* (1975), de Josué Montello; *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro; *Rei branco, rainha negra* (1991), de Paulo Amador. Este panorama não significa que proponho um levantamento acabado e imutável.

A proposta do negrismo no romance em questão é a apropriação da temática negra a partir da exploração do exotismo que o universo abordado carrega aos olhares dos autores, bem como a utilização bastante carregada da comicidade e do exotismo. Os enredos contêm temas caros ao universo afrodescendente. Porém, justamente pelas vias do cômico e do exotismo, as cenas pouco abordam o negro enquanto sujeito, em sua inteireza. Talvez seja demasiado dizer que o objetivo é a exploração do outro a fim de torná-lo “palatável” ao gosto branco ou que o desejo de romper com o passadismo e com a estética bem comportada acabou por favorecer justamente estas imagens. Fato é, contudo, que estes percursos ambíguos, de ruptura, por um lado, e folclorização, por outro, a meu ver, encontram-se nos alicerces dos romances negristas.

Em *Os tambores de São Luís*, de Josué Montello, o bom-humor e uma aparente subserviência, regada de sorrisos, fazem com que a personagem Barão, por exemplo, seja totalmente admirada por todos à sua volta. E este jeito bonachão norteia a trajetória da personagem num projeto de combate ao cativo e à discriminação. Não que ele seja contrário à liberdade. Ele é apenas contrário à carta de alforria

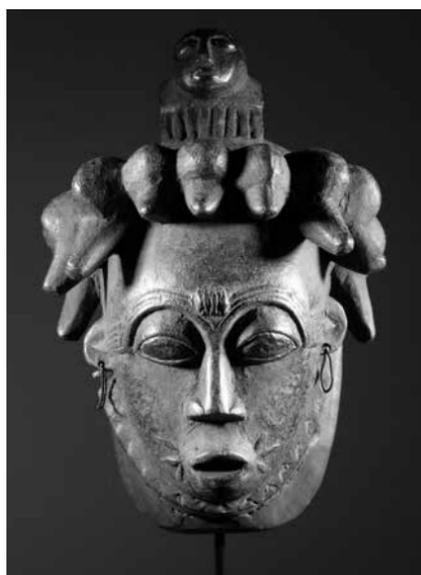
numa sociedade que não pensou o destino que dará aos negros libertos. Barão não é contrário ao contato sexual entre brancos e negros. Por isso, paralelamente a esta estratégia apegada à malandragem, Barão empreende outra, deveras muito “engraçada”: a de “emprenhar os buchos das brancas”, como ele mesmo diz e, a partir deste ponto, insere na narrativa a tese da miscigenação, cujo resultado é o apagamento do fenótipo negro.

Barão fazia questão de engravidar as mulheres brancas com quem se relacionava. Este ato, espalhado aos quatro cantos da cidade, acabaria por ridicularizar os maridos. Segundo o “malandro”, não deixar “pistas do ato” é o “segredo do negócio”, a não ser que esta pista seja mesmo um mulatinho, isto é, prova de que as brancas apreciam de fato a sexualidade afrodescendente em detrimento do homem branco. Eis as palavras da personagem:

- Tu estás calado demais, Damião. Que é que há contigo? Ainda não esqueceste o que te fez o corno do Tertuliano. Deixa isso comigo. Por ti, sou capaz de outro sacrifício: torno a pôr mais chifres na cabeça dele. Essa briga de preto com branco, aqui no Brasil, vai acabar mais depressa do que se pensa. E acaba devagarinho – na rede, ou na cama, conforme o gosto, ou até mesmo no chão, em cima de uma esteira. Daqui a pouco, quando se quiser ver mesmo um preto, não tem mais para ver. Está tudo desbotado. Hoje mesmo, de tardinha, papei uma branca vistosa, e acho que daí vai sair mais um mulatinho. Tomara que sim. (MONTELLO, 1976, p. 366) [marcas minhas]

Para Barão, ícone da postura negrista, a mestiçagem é a saída possível para a questão do preconceito de cor. Ele defende que o mulato é o brasileiro por excelência e, por consequência, devem ser cultivadas as relações inter étnicas. Barão não defende só o branqueamento da população, mas a mulatização do negro, tal como concluirá Damião ao conhecer seu trineto.

O escritor negrista ainda reproduz, no âmbito de seu discurso literário propriamente dito, posicionamentos tipicamente conservadores. Até porque os escritores negristas não só advêm da camada dominante – e falam deste lugar –, mas também é notório que reproduzem, em parte, o pensamento autoritário brasileiro, recaindo, pois, na mestiçagem de vetor único em direção ao branqueamento. O resultado desta equação é um discurso conciliatório, fruto da tentativa de justaposição entre um posicionamento progressista e conservador. O negrismo, contudo, é etapa de transição à literatura afro-brasileira. Esta não apenas supera o negrismo, mas o toma como instância a desconstruir.



Fotos: arquivos do autor

REFERÊNCIAS

- CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALCASTAGNÉ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.
- MONTELLO, Josué. Os tambores de São Luís. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

CULTURA - LITERATURA

Candace

Marcial Ávila

Ela chegou à sacada do casarão,
suas mucamas tocaram sinetas estridentes .
A luz do interior projetou sua sombra poderosa na rua
do Contrato.
Ninguém ousou seus olhos fitar!
Seu vestido vermelho aveludado foi comparado
a cascatas de sangue bordado à lágrimas.
A luz amarela das candeias realçou sua silhueta
criando uma aura mística, dando vida às suas joias
faiscantes.
A noite era fria lá fora como sempre eram as noites
do Tijuco.
Aquela sombra trouxe calafrios fazendo calar até os
grilos do Rosário!
Todos sabiam o poder daquela mulher.
Poder herdado da mãe, Maria da Costa, poder ancestral!
Do alto do seu púlpito, imperiosa, tudo via e tudo sabia.
Como santa cobrando promessas, proferiu palavras
mais frias do que a noite.
Ditou regras aos quatro ventos moldando os destinos.
A negrura de sua pele refletiu o fogo das velas e também o seu.
Seu homem conduziu as palmas discretamente...
As brancas recalçadas se acotovelaram fazendo reverências falsas.
As negras esboçaram sorrisos satisfeitos de prazer
ou de inveja.
Os cochichos maliciosos se fizeram ouvir entre dentes:

– Ele fez contrato com ela e não com El' Rei!
E cumpriu seus mandos, satisfez seus caprichos...
Amor em branco e preto,
em vermelho e negro,
em sacralidade e perdição!
Amor sem regras.
Sempre prene de desejos contínuos.
Amor visceral que pariu histórias e mulheres.
Muitas foram moldadas em seus lençóis de linho e
educadas como sinhás, brancas, engessadas!
Perderam o viço das negras, a liberdade do corpo, a
altivez!



Ilustração: Marcial Ávila

Não herdaram o brilho solar da mãe nem na cor da pele,
nem na sombra projetada sobre a história.
Tão pouco nas lendas que correm nas veias do Tijuco
Como Ela só Ela! Chica!
Mulher coroadada por diamantes da terra e pelos raios do sol
Senhora dos desejos insatisfeitos dos homens
Mulher inspiração, mulher Real, Candace!
Mulher lava fervilhante, incandescente, mistura de continentes.
Mulher coroadada, cabeça, senhora das irmandades.
Mulher corpo, feiticeira, Geledés!

Marcial Ávila

Artista Plástico - Presidente do Instituto Casarão das Artes

CULTURA - TEATRO

Teatro negro: Quem conta nossas histórias?

Naiara Rodrigues

Jornalista graduada em comunicação social - Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolve trabalhos de assessoria de imprensa. Co-autora do livro Diário de Bloco, sobre o carnaval de rua em Belo Horizonte

A sub-representatividade do negro nas artes cênicas é o alvo de alguns dos grupos de teatro mais atuantes de Belo Horizonte. Com peças já em cartaz e outras com estreia programada, grupos como o Teatro Negro e Atitude, e o coletivo Negras Autoras fazem em suas novas montagens, e em suas próprias existências, uma afirmação da importância de contar a própria história. “Penso que a representatividade do teatro negro hoje no cenário teatral tem se feito mais marcante. Porém, quando se fala em história de companhias de “teatro negro” a primeira palavra que nos vem sempre a mente é luta. Pois bem, sonho com o dia em que a história de um grupo de teatro negro no Brasil seja apenas uma história de êxito na arte”, destaca Marcos Carvalho, integrante do Teatro Negro e Atitude, grupo que teve sua origem no Movimento Negro Unificado (MNU), fundado por Hamilton Borges, na década de 1990. Seu motivador era (e ainda é) sensibilizar as pessoas e problematizar questões inerentes ao negro no Brasil.

Ele revelou que a companhia desenvolve atualmente dois processos de montagem, com estreias previstas para novembro de 2017 e maio de 2018. O primeiro é uma investigação cênica a respeito das relações paternas no contexto da contemporaneidade, passando por temas como o aborto masculino, o machismo e as influências da escravidão no homem negro contemporâneo, com direção e texto de Marcus Carvalho e atuação de Clécio Lima. O segundo, solo, é uma pesquisa que une dois arquétipos paradoxais: o “Tramp Clown” e o “Zé Pilintra”, tendo sua estreia prevista para acontecer no Terreiro de Candomblé “Ilê Wopo Olojukan”, com a direção de Rogério Gomes (diretor convidado) e atuação de Marcus Carvalho.

Nomes como os das atrizes Ruth de Souza, Léia Garcia e Zezé Motta são lembrados pela atriz Júlia Dias como referências no teatro negro brasileiro. Júlia Dias é integrante do coletivo NEGRAS Autoras que apresenta



Fotos: Leo Lara

a nova peça ERAS. Já no início do espetáculo, o grupo referência mulheres negras históricas da literatura, religião, teatro e música. “O povo negro tem essa característica forte que é a ancestralidade, de sempre pedir a bênção para avançar e não perder de vista os que vieram antes de nós”, destaca Júlia. A união e criação do coletivo veio principalmente da ideia de se sair do objeto do discurso. “Quem conta nossas histórias, majoritariamente, são homens brancos, então a gente historicamente fica num lugar muito objetificado. Quando a gente é autora, a gente conta a nossa própria história, com o nosso próprio olhar e saímos deste lugar de objeto e passamos a ser sujeitos da nossa própria história. Então esse é muito nosso objetivo”, explica Júlia.

O coletivo traz em suas peças a temática da condição de existência da mulher negra na sociedade brasileira desde a ancestralidade até o tempo atual. A direção de Grace Passô e a preparação vocal de Fabiana Cozza foi enriquecedora para o novo espetáculo. “Elas ouviram as nossas composições e textos. Fomos construir arranjos e pensar como isso seria colocado na cena. Elas nos impulsionaram a sair do lugar comum, o que nos proporcionou uma cara nova para o trabalho, uma profundidade maior. A Grace traz muito uma pegada contemporânea e as duas trabalharam muito umas questões de oposições com a gente, uma polifonia misturando elementos eletrônicos como, por exemplo, um pedal aos instrumentos de percussão. O próprio figurino que foi uma direção de arte do Eduardo Ferreira, de Recife, tem essa pegada de misturar estampa com pedras, lantejoulas, com a nossa pele, que é o que nós somos. Hoje nós somos a ancestralidade, mas também o urbano”, ressalta a artista.

CULTURA - DANÇA

Dança, poder e negritude

Roger Deff

Rapper e jornalista

Dançarina, mulher e negra, adjetivos importantes para entendermos o lugar de fala de Marilda Cordeiro. A trajetória dessa artista, educadora e pesquisadora está intrinsecamente ligada à luta contra o racismo estrutural que historicamente tem aliado negros e negras de determinadas instâncias e práticas culturais.

Marilda conta como essa caminhada já era árdua no ponto de partida. “Foi um desafio, principalmente para uma mulher negra, favelada e mãe solteira. Tive filhos aos 18 anos e não pude continuar os estudos. Fiquei muitos anos ministrando oficinas de Dança Afro pela Secretaria de Cultura de BH, mas chegou um tempo em que comecei a perder espaços para os acadêmicos brancos que não tinham experiência, mas tinham formação”, lembra. Essa barreira, no entanto, impulsionou ainda mais sua busca por espaço e reconhecimento. “Eu não aguentava mais preencher fichas com ‘2º grau incompleto’ e resolvi voltar a estudar depois de anos. Paralelo a isso, trabalhei em projetos sociais por muitos anos e percebia muita coisa equivocada quando se tratava da cultura negra. Pensei em fazer vestibulo

lar para pedagogia, pois queria ser gestora de um projeto como aqueles em que trabalhava e precisava fazer a diferença. Então fiz, passei e trabalhei como coordenadora pedagógica de uma ONG na qual eu era professora de dança”, relata.

Para ela, a arte negra como um todo ainda tem muito o que conquistar: “A arte negra continua sendo desvalorizada. Ela tem lugar e data para acontecer, para ser exibida. Deveria acontecer, ser exposta, exibida durante todo o ano”, avalia.

Quando perguntada sobre o empoderamento através da arte, ela não titubeia e responde: “A dança me empodera sim. Tanto quando estou dando aula, quanto no palco e até sem dançar, pois já fiz a minha história”, conclui.



Marilda Cordeiro é um exemplo de resistência

Foto: Rodrigo Zazá Borges

Alabê do couro, aquele que toca Ingoma, o Tambor (para Djalma Correia)

Marcos Antonio Cardoso

Filósofo. Mestre em História. Professor de História da África.

O nosso imaginário sobre a África sempre nos remete à lembrança dos tambores. No entanto, a exuberância musical africana não se concentra nos instrumentos percussivos. A sua criatividade percorre do exercício vocal, de sonoridade particular até a execução de instrumentos dos mais diversos timbres.

A maioria dos instrumentos de resistência trazidos para o novo mundo classifica-se como membrafones, tambores dos mais diversos tipos morfológicos e de timbres empregados nas mais diversas manifestações, de uso e ritual religioso ou nas atividades profanas, como é o caso da trilogia dos tambores sagrados do candomblé e dos tambores de formatos diversificados, posicionados na horizontal, a exemplo dos tambores Batas Cubanos, ou outros confeccionados em tronco único de uma espécie de árvore sagrada, chamados de Ilus, encontrados no Maranhão, ou os tambores falantes de Porto Novo, ou os tambus, tocos, engomas ou angomas, cujo “som desses tocos é a própria voz de Zâmbi”, o couro dos candombes de Minas Gerais.

No Brasil, a trilogia de tambores sagrados: Rum, Rumpi e Lé articula a mensagem rítmica e melódica da comunicação com as divindades, fazendo-as movimentar-se nas coreografias que revelam aos olhos de todos a odisséia de Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos, reportando-se à história, ao mito, às propriedades e às virtudes dos mesmos, com a mesma finalidade de repercutir mensagens que tem os Tambores Falantes na África.

O uso profano dos tambores se incorpora às manifestações públicas, à base rítmica das canções, dando identidade a diversos estilos musicais.

Este texto é uma homenagem ao músico, percussionista, Djalma Correia, que não deixou o tambor silenciar. O alabê do couro, toca o INGOMA, o tambor que chora e ri, na esperança de buscar a harmonia do mundo e a humanização das divindades sagradas que circulam pelas montanhas de Minas e de Belo Horizonte.

Foto: Rosalia Diogo



Preto Amparo estreia seu solo

Pedro Amparo, hoje Preto Amparo, teve um desejo: construir uma obra cênica que dialogasse com a ancestralidade e com a vida do jovem negro urbano. Para tal, convidou Alexandre de Sena para direção de uma cena curta que desnudasse, de forma poética, o racismo estrutural existente em nosso cotidiano brasileiro. A pesquisa da trajetória de um jovem negro na sociedade, diretamente atingido por abordagens policiais, encarceramento em massa e o genocídio em curso. O espetáculo “Violento” traz solo do artista e vai estrear nos dias 20, 21 e 22 de outubro, no Galpão Cine Horto, com classificação de 14 anos. A apresentação será às 20h, na sexta e no sábado, e às 19h no domingo



Foto: Pablo Bernardo

Aquilombô

A Aquilombô - Mostra de Artes Negra, realizada entre os dias 2 e 13 de agosto, levou para o teatro Francisco Nunes grupos de teatro, dança, música e circo que apresentaram ao público belo-horizontino, um pequeno recorte da arte negra dos últimos dois anos sob o olhar curatorial de Rodrigo Jerônimo, Rodrigo Negão, Rosália Diogo e Dayse Belico. Entre as atrações estiveram a reestrea de Madame Satã, do Grupo dos Dez, o espetáculo inédito em BH “Chão de Pequenos”, da Companhia Negra de Teatro, “Grito do Outro, o Grito Meu”, do coletivo Espaço Preto, além da programação musical do Coletivo IMuNe.



Foto: Tatiana Carvalho Costa

Semana IDEA de Artes Negras

A Semana IDEA de Artes Negras fortalece o debate sobre a contribuição cultural da população afrodescendente no Brasil. De 29 de agosto a 2 de setembro aconteceu a primeira edição da SIAN – Semana IDEA de Artes Negras –. O evento fortaleceu o debate sobre a contribuição da população afrodescendente na construção cultural e política do país. A programação intensa envolveu linguagens, literatura, música e audiovisual e a curadoria foi realizada por Eduardo de Assis Duarte, Luana Tolentino, Simone Moura, Heberete Almeida e Sérgio Pererê.

Confira no site:
www.semanadeartesenegras.com



Foto: Pablo Bernardo

15ª Festa Literária de Paraty – FLIP Ação afirmativa, reconhecimento da invisibilidade

A edição do Festival Literário de 2017 (dias 26 e 27 de julho), foi marcada pela inclusão de negr@s e mulheres em sua programação. Trata-se evidentemente, de uma resposta à demanda gerada em 2016, em que o festival homenageou escritoras, e, no entanto, mulheres negras escritoras não foram convidadas para a programação principal.

Naquele momento, a reação das potentes escritoras, que ocupavam a programação paralela foi insurgente. Os protestos alcançaram uma proporção e repercussão inimaginável. Tal postura ativista, levou a coordenação do festival a convidar uma mulher baiana, jornalista cultural e historiadora, Joselia Aguiar, para ser a curadora da 15ª edição. A partir desta escolha, por decorrência, outr@s potências literárias, participaram desta edição, por meio da curadoria de Aguiar. Destacamos a presença de algumas escritoras e escritores mineiros: Conceição Evaristo, Grace Passô, Edimilson de Almeida Pereira, Ana Maria Gonçalves e Ricardo Aleixo. Destaque nacional do evento, escritor, apresentador e ator, Lázaro Ramos e a professora Diva Guimarães, que fez um pungente relato sobre o racismo.



Foto: Rosália Diogo

Segunda Preta

Não percebendo a população negra representada nos palcos e na plateia do teatro em Belo Horizonte, o que é um reflexo da sociedade, o projeto Segunda Preta se apresenta a partir da necessidade de se fazer presente o teatro negro na cena da cidade. Ele apresenta espetáculos e experimentos cênicos criados por pessoas pretas apresentados em segundas-feiras, no Teatro Espanca. As próximas edições do projeto serão realizadas nos dias 11 de setembro a 23 de outubro, com ingressos disponíveis a preços populares.

Programação completa disponível no site www.segundapreta.com.

Troféu Raça Negra

O Troféu Raça Negra comemora 15 anos em 2017. Essa importante premiação acontece em novembro, quando se celebra a Semana da Consciência Negra e reúne centenas de convidados, entre intelectuais, escritores, artistas, músicos, empresários, autoridades e personalidades que trabalham pela inclusão do negro na sociedade. A homenageada deste ano será a cantora e atriz Zezé Motta. O Troféu Raça Negra é realizado pela ONG Afrobras (Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural) em parceria com a Faculdade Zumbi dos Palmares.

Mais informações disponíveis no site 2017.trofeuracanegra.com.br/

FAN - Festival de Arte Negra

O Festival de Arte Negra (FAN) será realizado entre os dias 15 e 23 de outubro e terá como tema deste ano o protagonismo das mulheres negras, o FAN Mulher. O evento irá reunir várias ações artísticas e culturais, com programação gratuita, de modo a destacar este protagonismo feminino em várias partes do planeta, com foco no continente africano, no Brasil, e em Belo Horizonte. Joaquina Maria da Conceição da Lapa, primeira cantora lírica negra brasileira de que se tem registro de atuação fora do Brasil viveu durante a virada dos séculos XVIII e XIX e será a homenageada da edição.

Africanidade é
questão de estilo!



Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro
é com a Nega Badu!



Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795

www.facebook.com/NÉGA-BADU-503633653106251

KIT GRATUITO PARA A TV DIGITAL



**O SINAL ANALÓGICO
SERÁ DESLIGADO
EM SUA CIDADE.
PREPARE SUA TV.**

Saiba se você pode
receber **este kit***.

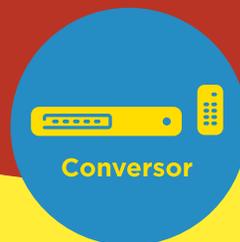


Ligue grátis
para **147**



sejadigital.com.br

*Será entregue apenas um kit por responsável familiar com inscrição válida no Cadastro Único do Governo Federal. Para confirmar se é elegível ao kit, o beneficiário deve ligar grátis no 147 ou acessar sejadigital.com.br/kit.



Seja:Digital

EAD - Criada conforme determinação da ANATEL